



27/09/2007





A EMPRESA | ASSINE | ANUNCIE | PARTICIPE | FALE CONOSCO | TRABALHE CONOSCO

- EDITORIAL
- NOTÍCIAS
- EDIÇÕES ANTERIORES
- GALERIA
- MEU ROTEIRO
- GIRO
- EVENTOS
- CURSOS E CONCURSOS
- CALENÁRIO
- FORNECEDORES

EDITORIAL

REPORTAGEM

Transpondo fronteiras

*Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá.*

O desejo de conhecer outra cultura, aprender uma língua diferente, tentar um estágio num escritório reconhecido, viver diferenciadas experiências de vida, buscar novos desafios ou conhecer-se no exílio para depois voltar. O que impulsiona jovens recém-formados ou profissionais reconhecidos no Brasil a tentarem a sorte em outros países?

Casa&Mercado foi atrás de alguns desses personagens do design, da arquitetura e do paisagismo para obter alguma resposta. Eles têm personalidades, sonhos e formações distintas, mas possuem algo em comum: a coragem. Alguns se despem do papel de estrangeiros para se radicarem e ficarem de vez nos destinos escolhidos; outros desfrutam do mesmo sentimento ausente, intenso, eternizado pelo poeta Gonçalves Dias – um misto de saudade e vontade de voltar e se fazer novamente na terra natal...

Em busca de autonomia



Rachel de Albuquerque Medeiros, 28 anos, é arquiteta e urbanista, nascida em Natal, Rio Grande do Norte, no dia 11 de fevereiro de 1979. Formada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte em 2001, fez mestrado na área de paisagismo, concluído em 2004 na Ecole d'architecture de Paris La Villette, em Paris, França, com o trabalho "Jardins, Paysages & Territoires". Entre 2005 e 2006, fez especialização em Renovação de Prédios Antigos, na Ecole d'architecture de Paris Belleville. Atualmente trabalha na agência de arquitetura de Nouredine BenCheikh, em Paris.

"Mudei-me para a França há quase seis anos, com o objetivo de aprender uma nova língua, mas as oportunidades profissionais foram surgindo e acabei ficando. Faz quatro anos que comecei a trabalhar na Nouredine Ben Cheikh. Primeiro, fui contratada como colaboradora na parte gráfica de um projeto de uma escola primária, no qual criava desenhos em 2D e maquetes virtuais em 3D. Depois do primeiro contrato, a agência precisava de mim para dar continuidade a outros projetos, desta vez, com uma participação mais ativa na concepção. Passados alguns meses, fui contratada em tempo integral e, depois disso, passei a atuar em todas as fases dos projetos arquitetônicos, desde o anteprojeto até a execução da obra", conta.

"Profissionalmente, um dos meus maiores desafios foi (e ainda é) o de lidar com o sistema industrializado da construção francesa. No Brasil, a mão-de-obra não é cara, então ousamos mais na criação arquitetônica, sem pensar obrigatoriamente no custo com pessoal. Aqui a coisa é diferente: é necessário sempre pensar no valor da mão-de-obra e no que o mercado já oferece em termos de produtos. Encomendar equipamentos sob medida se torna dez vezes mais caro do que implantar um que já seja fabricado. É preciso estar sempre atualizada em relação ao lançamento de produtos e sobre as empresas novas, que possam colaborar com os projetos sem aumentar o custo final da construção".

Se ela sente falta do país de origem? "Sinto muita falta, por isso decidi e vou voltar ainda este ano. Neste período na França, pude vivenciar experiências e momentos tão diferentes que me trouxeram um enriquecimento pessoal e profissional enormes.

LOGIN

SENHA

Esqueci minha senha

Para ter acesso ao conteúdo da revista na íntegra, preencha nosso cadastro



CURTAS

- 26.09**

Tintas Coral lança evento de brand experience em São Paulo.

26.09

Participe da revista Casa & Mercado!

26.09

Stampart Brasil presente na Casa Cor Salvador.



Receba nossa Newsletter

Digite seu e-mail

BUSCA

Enquete

Como você chegou até aqui?

Sou assinante da revista

Indicação de escritório de arquitetura

Sites de busca

Recomendação de amigos

Outros

Como trabalho para uma agência, não tenho a liberdade e a autonomia que gostaria de ter; vou retornar ao Brasil para abrir meu próprio escritório e colocar em prática tudo aquilo que aprendi aqui”.

Eterna paisagem



Quando se formou em agronomia, Roberto tinha a intenção de tomar conta da fazenda do pai. Mas, no final do curso, decidiu – em tempo – fazer algo de que realmente gostasse: uma especialização em Paisagismo. “Achei que não seria feliz na fazenda, mas sim trabalhando com essa área. Sempre soube que tinha um lado criativo e isso, aliado ao meu interesse pela natureza, seria o meu caminho”, conta.

Após outros cursos realizados em São Paulo, em 1992 Roberto resolveu passar um tempo na capital inglesa, a convite de um amigo, para aperfeiçoar seu inglês. “Londres é uma cidade fascinante, na qual você aprende com diferentes culturas e tradições. Jardins e plantas são muito valorizados por aqui e isso me fez estudá-los mais ainda, buscando mais um curso na área e o meu mestrado em Arquitetura de Paisagens. Assim que terminei o curso, já publiquei meu primeiro trabalho, o jardim dos Foster, que foi altamente aclamado pela imprensa especializada daqui e de fora; a partir desse projeto, meu caminho foi aberto para outras oportunidades”, conta. Uma delas foi a publicação do primeiro livro internacional sobre jardins do Brasil, chamado “*New Brazilian Gardens – The legacy of Burle Marx*”, pela *Thames and Hudson*, prestigiada editora inglesa.

“Em Londres existe uma quantidade enorme de bons profissionais e isso dificulta um pouco sua atuação no mercado. Nunca fiquei sem projetos, mas a quantidade varia sempre, devido a essa acirrada competição. Existem os altos e baixos que são normais em qualquer tipo de negócio e profissão; o importante é você fazer algo pelo qual esteja apaixonado porque só a paixão faz você seguir em frente. Sucesso é algo que não me importa porque ele só vem quando se perde o medo de ser um fracasso”, afirma.

Roberto acredita no potencial do mercado no exterior. “Ele está crescendo por causa de toda essa onda de mudanças climáticas e da valorização do verde. O movimento e a conscientização estão mais fortes. Para quem trabalha com paisagismo, é um mercado promissor, favorável ao meio ambiente, preservado tanto em áreas privadas como em públicas”, revela.

O profissional está há quase 15 anos na Inglaterra e visita o Brasil todos os anos, mas seus planos incluem mais um tempo em Londres para, depois, voltar ao país para estabelecer um negócio local. “Quero ter minha loja e meu escritório também no Brasil, para estar nos dois lugares. Apesar de todas as dificuldades, o nosso país é grandioso”.

Lugares incertos



Poder trabalhar com design no país que dita as tendências para o mundo foi o que motivou Rafael Miranda a ir morar na Itália, mais precisamente em Milão, que conta com a maior concentração dos melhores profissionais desse ramo. “Eu me formei em design aqui; assim que acabei a faculdade, passei em uma seleção acirrada e comecei a trabalhar para a Hitachi. Trabalhava por três, desenhando produtos de consumo como TVs, DVDs, câmeras, etc. Depois disso, apresentei os meus trabalhos nos salões de móveis de Milão e de Estocolmo, ganhei alguns prêmios internacionais

de design e comecei a obter reconhecimento. Hoje atuo de forma independente na criação de móveis e colaboro com um estúdio para o design de produtos sofisticados, como relógios e jóias, para as maiores empresas de moda da Europa", conta.

Rafael acredita que o fato de ser estrangeiro dificultou um pouco sua entrada no mercado europeu, sobretudo no milanês, por conta da concorrência. "São inúmeros designers e todos muito bons. É preciso se diferenciar e apresentar um número extenso de criações e projetos para conseguir vencer a disputa. Quando você atua no exterior, apesar das dificuldades, tem mais oportunidades por causa da situação econômica. É excelente para mesclar e aprender novas culturas, além de apresentar a nossa. Criamos idéias inovadoras, pois temos um jeito de pensar diferente daqueles que são daqui", divaga Rafael.

O designer consegue se contentar com as duas viagens que realiza ao Brasil por ano (nas férias de agosto e no Natal), mas, por não ter escritório e intitular a sua forma de atuação como independente, não sabe ao certo onde estará num futuro próximo. "O meu trabalho me dá a possibilidade de viajar muito e não ter um lugar fixo para projetar. O design pode ser feito de qualquer lugar, basta ter os clientes nos países onde se pretende trabalhar – no meu caso, na Itália e no Brasil. Meu ideal seria morar nos dois países, alguns meses aqui e outros aí, sem ter a preocupação de possuir um escritório em um lugar só".

No tempo e lugar certos

	<p>Affonso Orciuoli nasceu em São Paulo em 14 de junho de 1966. Mora com sua esposa, arquiteta brasileira, e seus dois filhos em Barcelona, onde chegou em 1991. Arquiteto formado em 1989 pela FAU Mackenzie, concluiu o curso Master Metrópolis (UPC, 1999) e � doutorando (UIC). Gosta de informática, estudos de geometrias complexas em movimento, viagens e atividades esportivas. Hoje � professor na Universitat Internacional de Catalunya, Istituto Europeo de Design, Escola LAI (interiorismo) e ELISAVA.</p>
--	--

Affonso nunca enfrentou nenhum problema de adapta o na Espanha. Acredita que, quando chegou, sentia mais falta do Brasil do que agora. "Meus filhos, de 4 e 2 anos, nasceram aqui, e sinto que hoje fao parte de uma sociedade que tem princípios muito claros (distribui o de renda, serviços públicos de qualidade, conceito de cidadania, etc.). Tomara algum dia o Brasil possa vir a ter tudo isso. Mantenho vínculos acad micos com o país – além,   claro, do vínculo familiar", explica.

Para o arquiteto, a vida nos coloca no lugar onde deveríamos estar. "Nunca pensei que seria professor, embora quando estudante do Mackenzie sentia interesse por esta atividade. Lecionar requer uma pesquisa constante, saber que quanto mais sabemos, mais ignorante nos sentimos. Felizmente, no mundo acad mico contemporâneo não existe mais aquele professor que "sabe tudo", mas sim o que estimula o aluno a aprender e a desenvolver seu próprio potencial", filosofa.

"O maior desafio   seguir trabalhando com entusiasmo e formando profissionais de qualidade. Ver que estou contribuindo e participando do desenvolvimento da arquitetura, dentro do meu campo de atua o, satisfaz-me profundamente". Com atividade vinculada às novas tecnologias, sua disciplina se resume em *Informática aplicada ao design e   fabrica o*. "Há uma mudança radical, não são nos cursos de arquitetura, mas em todos aqueles que têm a ver com design.   minha tarefa desmistificar algo que, para muitos,   complexo e difícil de ser compreendido".

Affonso tira de letra sua atividade na Espanha. "O mercado de trabalho na Europa, em geral,   bom. Há uma necessidade de gente qualificada. Nós, brasileiros, somos muito bem vistos aqui na Espanha: cada um desenvolve sua atividade, tem boa forma o e vive de maneira digna. Sempre digo que aquele que   capaz de viver e trabalhar em qualquer grande cidade brasileira tira de letra a vida aqui no continente europeu".

Sem barreiras

	<p>Francisco Spadoni, 48 anos, arquiteto formado pela PUC Campinas, doutorado pela FAUUSP e pós-graduado pela Ecole d'Architecture de Paris Villemin, vive atualmente em São Paulo, onde mant�m o</p>
---	--



*escritório Spadoni +
Associados, e leciona Projeto
de Arquitetura na FAUUSP e
Mackenzie.*

Spadoni iniciou sua carreira em 1985, colaborando com escritórios de arquitetura no Brasil. Pouco tempo depois mudou-se para Paris, onde além da pós-graduação, desenvolveu trabalhos profissionais diversos. Foi colaborador do núcleo francês do escritório Kenzo Tange Associates, de Tóquio, onde trabalhou para o projeto de *Place d'Italie*. Ter seu próprio atelier em Paris foi um passo natural para o arquiteto – ali ele projetou a *Peniche*, uma “casa-barco”, transformando um petroleiro desativado em uma residência, hoje ancorada no rio Sena.

“A vida profissional no exterior para um arquiteto colaborador ou associado não difere muito da nossa no Brasil e está vinculada à existência de um mercado de trabalho aquecido. Passei um período com bastante trabalho em Paris, ainda no governo de François Mitterrand, mas no final dos anos 90 houve um desaquecimento”. Segundo ele, os maiores desafios são os profissionais, como ingressar num escritório consagrado, desenvolver seu próprio trabalho e tornar-se confiável num território estranho.

Desde sua volta, o profissional vive em São Paulo, onde mantém o escritório. “Construí minha base no Brasil e, com o ‘mercado globalizado’, podemos atravessar qualquer fronteira, independente de onde estejamos fixados. É certo que os escritórios estabelecidos no hemisfério Norte ou no Japão têm mais acesso às demandas internacionais, mas acredito que podemos ter estratégias para também trabalharmos fora do país. Nosso objetivo primeiro, enquanto profissionais brasileiros, é construir este país, imenso e de grandes carências, que tanto depende de nossa energia e dedicação”, relata Spadoni.

Olhar de mestre



***Otavio Leonidio**, 42 anos,
nasceu no Rio de Janeiro em 19
de março de 1965. Fez
graduação em Arquitetura e
Urbanismo e doutorado em
História pela PUC-Rio.
Atualmente mora no Rio de
Janeiro, é casado e tem como
esportes prediletos o tênis e o
surfe.*

Antes mesmo de se formar em Arquitetura, Otavio trabalhou em alguns escritórios. “Dois deles, em especial, marcaram-me bastante. O primeiro foi o de Luiz Paulo Conde (ex-prefeito do Rio); aprendi muito no escritório dele – sobretudo que, para ser bem sucedido, era preciso devotar a vida à atividade. O segundo foi o escritório parisiense de Christian de Portzamparc; a estadia com ele foi minha grande escola de arquitetura – lá aprendi especialmente que, mais do que a forma construída, a arquitetura se faz com vazios. Poucos arquitetos no mundo desenham o vazio como ele”, conta.

Durante o tempo em que ficou em Paris (entre 1991 e 1993), não teve muitas saudades do Brasil. “Foram os anos mais importantes da minha formação profissional, e disso sempre tive plena consciência. De modo que não queria saber de nenhum outro lugar no mundo”, conta Otavio.

Para o docente, o que diferencia o mercado de trabalho europeu do brasileiro é o “*status social*”, digamos, ocupado pelos arquitetos. “Lá, a prática da arquitetura é vista como essencial, até porque o arquiteto é o grande especialista contemporâneo em matéria de cidade (e, como se sabe, a cidade permanece e por longo tempo ainda permanecerá na ordem do dia). Aqui, por razões diversas, a arquitetura é cada vez mais vista como atividade não-essencial. Um bom arquiteto europeu é um profissional respeitado não apenas por seus pares, mas por todos os que vivem nas cidades. Tirando uma ou outra grande estrela, os bons arquitetos brasileiros são desconhecidos das pessoas para quem, a rigor, projetam. E têm uma participação discreta no mercado da construção civil”, fala.

“Meu maior desafio (e motivo de alegria) é participar, na qualidade de coordenador acadêmico, da construção de uma nova – e promissora – escola de arquitetura, o Curso de Arquitetura e Urbanismo da PUC-Rio. O Curso conseguiu reunir um grupo de professores e alunos de grande qualidade, e tenho esperança de que nossa jovem escola irá firmar-se como um centro de excelência no ensino da arquitetura. “Uma das coisas que pode qualificar a prática da matéria é a melhoria de seu ensino. Parece-me natural, portanto, dedicar uma parte substantiva do meu tempo à

formação de futuros arquitetos e arquitetas”, conclui.

Ver matérias anteriores:

- Edição 75. : Bilheteria garantida
- Edição 73. : A última etapa
- Edição 73. : Arriba España!
- Edição 73. : Eventos

Copyright © 2007 Casa & Mercado é uma Publicação de Editorial Magazine. Todos os Direitos estão reservados.

LEN COMUNICAÇÃO & BRANDING ©